

A PROVÍNCIA

Semanário



INFORMAÇÃO •• CULTURA •• RECREIO

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA JOSÉ JOAQUIM MARQUES, 48 - A
MONTIJO

DIRECTOR
RUY DE MENDONÇA

Ou fazei a árvore boa, e o seu fruto bom, ou fazei a árvore má, e o seu fruto mau; porque pelo fruto se conhece a árvore.
Raça de viboras, como podeis vós dizer boas coisas, sendo maus? Pois do que há em abundância no coração, disso fala a boca.

S. Mateus, 12, 33-34

Fomos claros, explícitos, firmes nas considerações que fizemos no primeiro número deste jornal.

Gostaríamos de manter absoluto silêncio sobre certas insinuações, feitas à boca pequena, por indivíduos sem escrúpulos e que por motivos, para nós incompreensíveis, pretendem denegrir a acção deste semanário.

Queremos, no entanto, por atenção aos leitores que tão pronta e magnificamente vêm com a sua dedicação mantendo este semanário, queremos, repetimos, perentoriamente afirmar que «A Província» é livre e independente, não está sujeita a quaisquer peias ou combinações secretas, não tem supervisão externa, seja ela de que espécie for, nem recebe subsídios ou dádivas de entidades oficiais ou particulares.

Os responsáveis pelo jornal «A Província» têm muita honra em ostentar o seu nome no cabeçalho deste semanário e não se vendem nem por muito, nem por pouco dinheiro.

Custe a quem custar, a sorte está lançada. O facto de ainda não termos morrido e graças a Deus, mantemo-nos na luta, com maiores possibilidades do que nunca, deve-se única e exclu-

Nonos temos uma organização comercial nem técnica que possa competir seja com quem for, nem é essa nossa intenção. Não temos a presunção nem a veleidade de fazermos um jornal isento de erros, deficiências, imperfeições, lacunas.

Mas temos (e desafiamos quem quer que seja a provar o contrário):

Processos limpos e sérios de trabalhar.

ceber dinheiro, é às ideias velhacas ou intrujices, malabarismos literários para atingir encapotadamente indivíduos não nomeados, aos hipócritas e mentirosos, aos maldizentes profissionais que por mesas de cafés e cadeiras de esplanadas arrastam seus corpos ociosos e torcem o pescoço a olhar a passagem da gente séria e trabalhadora.

Opomo-nos aos conceitos anti-nacionais ou contra a terra que nos viu nascer.

Opomo-nos aos que querem por força, seja este jornal repositório de má língua, onde se abordem problemas existentes ou inexistentes, contanto que se diga mal.

Vai longa a conversa e o espaço é precioso, julgamos ter dito o suficiente para definir a posição deste jornal.

Não tencionamos voltar a escrever sobre o assunto.

De futuro agiremos com rapidez e energia contra quem levemente falar, sem provar o que diz.

Ruy de Mendonça

Pontos nos iii...

sivamente à grande aceitação que o jornal teve por parte do público, à simpatia e carinho com que o comércio e a indústria montijense e do Distrito nos tem recebido e à dedicação sempre crescente dos nossos queridos colaboradores, correspondentes e assinantes.

As nossas credenciais como jornalistas, são poucas. Não temos os anos, a sabedoria, nem a experiência a atestar o valor de uma obra.

Integridade de carácter e firmeza de opiniões.

Independência absoluta sobre todos os aspectos.

Colaboradores próprios que podem exprimir livre e conscientemente as suas opiniões, ainda que elas não coincidam com as nossas, mas desde que sejam apresentadas com verdade, respeito e imparcialidade.

Ao que nos opomos terminantemente e para isso também não precisamos re-

EINSTEIN

Por J. J. CARIA

Foi há cerca de quinze dias, em Princeton, uma das quatro cidades dos Estados Unidos que têm este nome, que se apagou súbitamente mais uma das estrelas de primeira grandeza, que há anos refulgia no firmamento científico contemporâneo.

Alemão de nascimento, esse futuro génio dominador da Física e da Matemática, havia de vaguear pelo Mundo, ao sabor dos revezes da vida paterna e das suas próprias vicissitudes, vindo a fixar-se finalmente nos Estados Unidos da América, quando um exagerado vômito de nacional-socialismo convulsionou a Alemanha, forçando a emigração de muitos espíritos livres e homens bem formados, para escaparem à política tirânica e violenta do nazismo.

Durante muitos anos da sua vida o Dr. Einstein foi um nómada-estudioso. Cedo foi obrigado a abandonar a Pátria, para mais tarde voltar e, triste obstinação do destino, ser novamente obrigado a procurar asilo em país alheio.

Foi porém na Suíça, quando exercia as funções de perito técnico na repartição federal das patentes de invenção, em Berna, que esse mago dos números enunciou os fundamentos da teoria que o havia de immortalizar: a tão famosa teoria da relatividade!

Antigamente, átomo era uma palavra de origem grega que significava mais ou menos «indivizível». Nos bons tempos, em que a química era uma ciência acessível a todos os cérebros, definia-se o átomo como «a mais pequena porção duma substância que conserva todas as propriedades características». Era assim que os estudiosos papagueavam a sua definição.

Os velhos sábios, barbudos e compreensivos, perfilhavam carinhosamente ambas as ideias: a etimológica e a científica. Hoje, os cientistas da era atómica provaram-nos rudemente que estava tudo errado. Era tudo mentira! Que pena, não nos terem deixado ao menos a mentira!

Nós, os homens, compreendemos perfeitamente a transcendente importância do progresso impulsionado pelas teorias do velho sábio, mas custa-nos a dura realidade de perdermos uma mentira inofensiva a favor duma verdade perigosa: a energia atómica!

Albert Einstein que foi sem dúvida, um vivo eminente, é hoje um defunto ilustre, deixando o seu nome gravado a letras de ouro no Livro da Ciência cotando-se como um dos maiores físico-matemáticos de todos os tempos, pioneiro e revolucionário de muitas teorias e conceitos científicos.

Porém, esse homem simples e estudioso, declaradamente pacifista, que abandonou a Pátria por ser contrário a qualquer regime de violência, deixou-nos por tremenda ironia do destino, que nos seus caprichos não distingue o génio da vulgaridade, uma herança absolutamente contrária às suas ideias.

Compete agora aos homens responsáveis dar-lhe uma aplicação razoável e pacífica, não deslustrando a memória do velho cientista. Esta sim, seria a nossa melhor homenagem póstuma!

Montijo

e a Feira do Ribatejo

por JOAQUIM SILVA

Vai realizar-se na histórica cidade de Santarém, no próximo mês de Maio, a Feira do Ribatejo, certame que tem em vista pôr em destaque as inúmeras actividades da província mais portuguesa de Portugal.

Desnecessário se torna encarecer a excelente oportunidade que é oferecida aos concelhos ribatejanos para demonstrarem a sua vitalidade aos olhos dos milhares de forasteiros que por certo visitarão a cidade scalabitana.

A chamada grande imprensa já se encarregou, pelos seus hábeis redactores, de demonstrar ao público o que representa para a Nação e muito em especial para o Ribatejo, a organização que se pretende levar a efeito e que se anuncia como inédita sobre todos os aspectos.

Não vamos, portanto, fazer a apologia da anunciada feira, pois, para tanto, nos falta conhecimento integral de tudo quanto a Comissão organizadora pretende levar a cabo.

Abordamos, porém, este assunto, porque também somos ribatejanos e vivemos com o coração tudo quanto

diga respeito a este pedaço de terra colocado junto ao formoso Tejo,

Deste modo, foi com muita satisfação que, em devido tempo, anotámos nas reuniões preliminares da dita Comissão a presença de Montijo na pessoa do seu ilustre presidente da Câmara Municipal, o qual, segundo se deduzia pelas notícias vindas a lume, prometeu a colaboração do Município, naturalmente traduzida numa representação montijense.

Ficámos, assim, pensando que as forças vivas da terra — comércio, indústria e lavoura — fossem chamadas a colaborar e idealizá-las, imediatamente, um pavilhão de estilo regional, com secções apropriadas para o fim em vista. Antevisionámos um ambiente de actividade, onde se notava a existência de duas ou três máquinas a trabalhar na manufactura da cortiça, transformando-a em rolhas e noutros objectos de utilidade corrente. Víamos também quatro ou cinco mulheres a prepararem as famosas carnes de porco, no-

(Continua na página 8)

Crónica da Capital

(Pelo Redactor ROLLIN DE MACEDO
Endereço postal: Apartado 96 - Lisboa)

Revista de Imprensa — A judiciosa pena de Pais de Figueiredo na Política Nova (Viseu) ocupou-se da pouca atenção dedicada pela maior parte dos jornais à morte do eminente filólogo Augusto Moreno, ocorrida à dias no Porto. Afinal a culpa foi do próprio mestre; se jogasse futebol, cantasse na rádio ou fosse do cinema, não faltariam notícias de metro e meio, com fotografias e tudo. Pobre da cultura!

«A Severa» — Devia, desde logo, o dr. Julio Dantas ter providenciado para que não continuasse por mais tempo aquela Severa adulterada pela Amália Rodrigues. Aquilo foi a ferros e com nenhuma gloria para a Amália. Esquecem-se da proibição artística que é necessária a quem tem responsabilidades. Claro que o sr. Vasco Morgado só olhou para o resultado da bilheteira e de nada mais quis saber. Amália Rodrigues comprometeu, em absoluto, o seu crédito. Já alguém disse que A Severa do Monumental poderia chamar-se, com propriedade; Amália, a cantadeira da moda.

O futebol — Os investigadores da sociedade humana, depois de paciente busca nos anais poeirentos e carcomidos pela acção do tempo, chegaram a estas três conclusões sobre a história do futebol: que pode ter começado como símbolo das antigas batalhas dos britânicos contra os danelos e romanos, ou que provem de uma forma particular da adoração do Sol, ou como uma variação da magia. As três versões coincidem num ponto: o futebol não foi obra do acaso.

Feira do Livro — Em breve teremos mais uma Feira do Livro, na Avenida da Liberdade, se bem que ela dure todo o ano nas livrarias. Em Portugal não se lê. As livrarias expõem um mostruário completo, bem completo, pois diversa é toda a literatura que ali se encontra. É certo que os livros são caros mas mesmo assim não se justifica a ausência do belo prazer da leitura, nosso passatempo favorito. Fala-se

(Continua na página 8)

Ex. 100 Str. Manuel Giraldes da Silva 870 8150

MONTIJO DIA A DIA

Agenda profissional

Médicos

Dr. António Ferreira da Trindade

Rua Bulhão Pato, 42
Telef. 026 131 — MONTIJO

Dr. Alcides Raimundo da Cunha

MONTIJO
SARILHOS GRANDES

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 h.

R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026 245 — MONTIJO

Dr. Eduardo Gomes

Telef. 0260 38 — MONTIJO

Dr. Fausto Eugénio Lopes de Neiva

Das 10 às 13 h.

R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026 256 — MONTIJO

Dr. João Azevedo Coutinho

Telef. 026 075 — MONTIJO

Dr. João Filipe Barata

Telef. 026 026 — MONTIJO

Dr. Gonçalves Guerra

CLINICA GERAL

Radioscopias — Diatermia — Onda Curta — Raios Infra-Vermelhos — Raios Ultra-Violetas — Massagens Vibratórias.

Consultório:

Rua Bulhão Pato, 58
Telef. 026 153 — MONTIJO

Farmácias de Serviço

De 28 de Abril a 4 de Maio

5.ª - feira, 28 — *Geraldes*
6.ª - feira, 29 — *Montepio*
Sábado, 30 — *Moderna*
Domingo, 1 — *Diogo*
2.ª - feira, 2 — *Geraldes*
3.ª - feira, 3 — *Montepio*
4.ª - feira, 4 — *Moderna*

Sensacional! ... Baixa de Preços! ...

V Modelos desde Esc. 10.500\$00
As maiores facilidades de pagamento
E Agentes exclusivos:
S **MARPAL, Limitada**
P Telef. 026 151 — Rua José J. Marques, 27
A MONTIJO
O primeiro SCOOTER do Mundo

Apreciando e comentando

O Relatório e Contas da Câmara Municipal de Montijo no ano de 1954

(Continuação do número anterior)

Entrando propriamente na apreciação dos serviços municipais, o relatório foca todos os sectores com isenção e clareza.

Refere-se à alteração motivada pelo cumprimento do Decreto n.º 39.448 de 23 de Novembro de 1953 que faz ascender à 1.ª ordem da classe rural o concelho de Montijo, e ao aumento dos serviços de secretaria e pessoal.

Cita a aprovação da postura para os serviços de aferição e a aprovação do regulamento de abastecimento de leite à vila a entrar em vigor com a instalação do futuro Posto de Análises.

O capítulo saúde e assistência é desenvolvido e esclarecedor, damo-lo na íntegra para boa apreciação dos nossos leitores:

«O nosso concelho, infelizmente, continua a enfileirar na vanguarda dos que enviam doentes para os Hospitais de Lisboa.

O problema, delicadíssimo sob todos os aspectos, mas especialmente sob o aspecto financeiro, tem preocupado o nosso Município desde sempre, aliás como os outros Municípios em situação semelhante, mas sem resultados práticos animadores.

A Câmara, na impossibilidade de resolver o problema só por si, julgou encontrar modo de atenuar, contribuindo generosamente para a construção e apetrechamento do Hospital local, com o fito de serem aqui tratados doentes de menor gravidade.

O problema, porém, pela sua complexidade, preocupa também o Governo da Nação, e assim, foi feito o seu estudo com base num projecto de lei enviado à Câmara Corporativa. Desse estudo, resultou o Decreto-

-Lei n.º, 39.805 de 4 de Setembro do ano findo, que definiu alguns princípios fundamentais pertinentes à responsabilidade dos encargos com a assistência e regulou a classificação e admissão de doentes. Desse mesmo estado, emergiu também o Decreto-Lei n.º 39.806 da mesma data, regulador do pagamento das dívidas das Câmaras Municipais aos Hospitais.

Devemos confessar muito convictamente que a legislação citada, se não satisfaz completamente os anseios, talvez excessivos, e as necessidades prementes dos Municípios, pode, na verdade, proporcionar «um progresso efectivo na prestação da assistência hospitalar, obtido através da melhor coordenação e repartição das responsabilidades que lhe são inerentes».

Em desconto obrigatório sobre os adicionais às contribuições do Estado, a Câmara pagou por internamento de doentes a importância de 134.673\$00.

A dívida aos estabelecimentos hospitalares é a seguinte:

Centro de Assistência Psiquiátrica, 5.400\$10. Relativo a 31/12/54.

Instituto Dr. Gama Pinto, 27.490\$10. Relativo a 31/12/54.

Hospital Miguel Bom-

barda, 76.393\$30. Relativo a 31/12/54.

Instituto Português de Oncologia, 212.352\$10. Relativo a 30/11/54.

Hospital Júlio de Matos, 287.355\$10. Relativo a 30/9/54.

Hospitais Civis, 2.708.105\$40. Relativo a 30/9/54.

Maternidade Dr. Alfredo da Costa, 106.174\$70. Relativo a 31/12/54.

Com o transporte de doentes pobres dispendeu-se a importância de 560\$00 e distribuíram-se 3.000 bilhetes da Sociedade Marítima de Transportes, L.ª, no valor de 27.000\$00.

Por verbas especiais, mas evidentemente para fins de assistência, a Câmara concedeu os seguintes subsídios:

Santa Casa da Misericórdia de Montijo, 50.000\$00; Santa Casa da Misericórdia de Canha, 10.000\$00.

Comissão Municipal de Assistência:

Subsídio anual, 15.000\$00; Percentagem sobre licenças policiais, 5.692\$50. Total, 20.692\$50.

Asilo de S. José, 17.000\$00; Orfanato de Montijo, 12.000\$00; Quota para o Fundo Especial de beneficência Pública (I. A. N. T.), 500\$00.

(Continua no próximo número)

Um novo estabelecimento em Montijo

No Largo das Palmeiras, junto ao monumental Mercado Municipal que está em construção, deparámos com um moderno estabelecimento.

Movidos pela curiosidade jornalística, desejámos saber o que era e a que se destinava, mais este estabelecimento de Montijo que, dia a dia, vai enriquecendo o seu património com novas e sugestivas lojas, as quais modernizam e dão um ar de progresso à nossa terra.

O estabelecimento, a inaugurar por estes dias, destina-se ao comércio de livraria, papelaria, perfumaria e tabacaria e está instalado em linhas sóbrias, mas modernas.

E' propriedade da firma Representações Repal, Ltd., constituída pelos jovens comerciantes srs. Manuel Lino, José Lino, Francisco Beatriz, Emídio Manhoso e João Pereira.

Abordámos o primeiro destes bons amigos e inquirimos quais os princípios que norteavam a criação desta nova casa comercial que, no género, é única na Vila.

Amavelmente, foi-nos dito: «Ao architectarmos a fundação de Representações Repal, Ltd., visámos em primeiro lugar servir o público montijense com um estabelecimento digno da importância que a nossa terra hoje tem o direito de possuir. Para isso não nos furtámos a esforços e elevados dispendios.

Contamos, agora, com a boa vontade e compreensão do nosso público, para que possa vingar a iniciativa que tivemos».

Formulando as maiores venturas à nova organização comercial de Montijo, lá deixámos os seus proprietários na azáfama dos últimos preparativos para a inauguração.

Herdades

Vendem-se duas, com bastante rendimento. Informa: Inácio Beatriz — Grândola.

Material Eléctrico

Cabos e fios condutores
Baquelites — Porcelanas
Iluminação fluorescente
Material Estanque - Tubo Bergmann - Tubo de Aço

CANDEEIROS
TELEFONIAS
IRRADIADORES
VENTOINHAS
FRIGORIFICOS
Etc. — Etc. — Etc.

Tudo aos melhores preços

ABEL JUSTINIANO VENTURA

Prça. da República — MONTIJO

Execução esmerada de todos os trabalhos de

A TRIUNFANTE

Carpintaria Civil e Mecânica

CARPINTARIA MECÂNICA

DE *António Maria Calado*

Portas Frigoríficas - Caixilhos em todos os géneros

AGENTE DOS ESTORES «SIL, LDA.»

ORÇAMENTOS GRÁTIS

Rua Sacadura Cabral Telefone 026244 MONTIJO

«A Província»

vende-se

em todas as papelarias de Montijo

DROGARIA ORIENTAL

de

José de Sousa Martins

DROGAS, TINTAS e VERNIZES // ARTIGOS DE VASSOUREIRO e PINCELARIA

Vidros para vidraças — Louças em barro — Cal em pedra, etc.

Rua Joaquim de Almeida, 53 — Montijo

NOTÍCIAS DA SEMANA

Agenda

Partidas e chegadas

— Veio a esta redacção apresentar as suas despedidas o sr. Reverendo J. Rosa Batista, que vai fixar residência em Rossio ao Sul do Tejo. A este nosso ilustre assinante, deseja «A Província» as maiores felicidades na localidade onde vai exercer o seu sacerdócio, e agradece a gentileza da visita.

Aniversários

— Fez anos, no 26 do corrente, a sr.^a D. Maria da Costa Ribeiro, esposa do nosso amigo e assinante sr. António Ribeiro.

— Faz anos no próximo dia 30, a sr.^a D. Avelina Maria Fiche da Silva dos Santos, esposa do nosso estimado assinante sr. António dos Santos.

— Também no dia 1, passou mais um aniversário natalício o menino António Valente Ramos, netinho do nosso muito ilustre colaborador e dedicado amigo sr. Alvaro Valente e filho do nosso assinante sr. José Ramos Dias.

Doentes

— Já se encontra em sua casa e em franca convalescença, a sr.^a D. Liberdade Dias Rodrigues, esposa do nosso estimado assinante sr. Francisco Candido Rodrigues Jr., que no dia 29 Março p. p. foi sujeita a melindrosa operação, na Associação dos Empregados do Comércio de Lisboa.

Falecimentos

— No passado dia 21, faleceu na sua residência, após prolongado sofrimento, a sr.^a D. Maria Júlia Fialho Bastos, irmã da sr.^a D. Leonor Júlia Fialho Caria, tia das sr.^{as} D. Leonor Fialho Caria Ribeiro, D. Maria Antónia Fialho Barata, dos srs. Eng. Luís Pereira Fialho, do nosso assinante sr. Joaquim Freire Caria, e ainda do nosso prezado colaborador José Joaquim Caria.

O funeral que se realizou no dia seguinte, pelas 13 horas, da sua residência na Praça da República para o cemitério local, constituiu uma sentida manifestação de pesar e uma derradeira homenagem às qualidades morais que a extinta sempre manifestara.

A família enlutada, e em especial ao nosso estimado colaborador, apresentamos as nossas sentidas condolências.

António Cruz Ferreira

Agradecimento

António Soares Bandeira, Demetília Ferreira, Maria Demetília Ferreira Bandeira, seu marido e filho, agradecem reconhecidamente a todas as pessoas que acompanharam à sua última morada, o seu saudoso filho, enteado, irmão, cunhado e tio.

Mistérios Rosacruz

Todo o investigador sincero que procure a suprema verdade e o poder místico conhecidos pelos antigos sábios, pode escrever solicitando um exemplar grátis do livro «O DOMÍNIO DA VIDA». Esta obra remete-se sem compromisso algum aos que desejam estudar a leis superiores da Natureza e da ciência mental.

ESCRIBANO III
Templo de A. M. O. R. C. (Parque Rosacruz)
San José, Califórnia, E. U. A.

Problemas da nossa terra

Os transportes

Seria maldade, se não reconhecermos que os transportes que ligam a nossa terra ao resto do país, vão melhorando em quantidade.

A prová-lo está mais uma carreira intermédia nos vapores e a actual carreira de camionetas para Vila Franca de Xira que dá por sua vez ligação para muitas outras terras.

Mas apesar de estarmos ligados com redes ferroviárias, marítimas e rodoviárias, e com horários quase seguidos, verifica-se uma lacuna importante e que bastante prejudica as pessoas que diariamente têm de tratar de assuntos quer em Lisboa, ou Montijo.

É o facto de a partir das 19,20, de Lisboa, e das 20,10, de Montijo, as ligações es-

tarem cortadas entre estas duas margens.

No entanto ela pode fazer-se com carreiras normais, pois a Empresa João Belo realiza aos domingos uma carreira com partida de Montijo às 22,5 e uma outra do Barreiro às 0,15 que recebe passageiros que partem de Lisboa às 23,35.

Não será possível a esta Empresa efectuar diariamente essa carreira?

Parece-me que a nossa terra merece tal tentativa para sua comodidade, tanto mais que a estrada está esplendida e serviria uma região bastante vasta e populosa.

Aguardamos o estudo e a realização de tal melhoramento.

Repórter W

Pelo hospital

No dia 25, pelas 20,15 horas deu entrada no Hospital da Misericórdia, António Ferreira de 48 anos, solteiro e trabalhador rural, natural de Montijo, residente na Quinta do Chaves, que foi agredido com um pontapé na região abdominal, depois de ter envolvido em desordem. A polícia tomou conta da ocorrência e o agredido ficou internado depois de ter sido observado pelo sr. Dr. Avelino da Rocha Barbosa.

Intoxicação alimentar

Segundo informações que colhemos de fonte fidedigna, nada justifica certo alarme que se fez em volta de uns dois ou três casos de princípio de intoxicação que durante a semana finda ocorreram em Montijo.

Desastre

No dia 24, pelas 21 horas, na estrada de Montijo a Alcochete a camioneta B H-16-40 conduzida pelo motorista Francisco Peres, residente na Calçada Duque de Lafões, 88 1.º em Lisboa, embateu violentamente com uma carroça que conduzia: Francisco da Silva Carreira seu proprietário e condutor, Maria Rosa Dourado, Maria Helena Barreto dos Santos, Eugénia da Silva Carreira, Rita Luísa Rosa e Rosendo António Severo. Os três primeiros ficaram internados no Hospital de Montijo para observação. O motorista que foi detido na altura já se encontra em liberdade.

CARRINHO

de bebé, em bom estado. Vende-se barato. Informa nesta redacção.

JOAQUIM SERRA

Faz hoje precisamente 22 anos que faleceu o maior poeta e jornalista montijense.

«A Província» não esquece esta data e lembra com saudade a figura inconfundível de Joaquim Serra, reservando para muito próximo a homenagem justa e a que por direito assiste ao jovem polemista de «A Ideia» que com 25 anos de idade, na pujança do seu valor intelectual, a morte traiçoeira nos arrebatou.

Esclarecimento

Porque a maioria dos nossos leitores estão equivocados acerca da identidade do autor das *Gazetilhas* que semanalmente publicamos; esclarecemos que se trata de dois colaboradores absolutamente distintos que muito honram este jornal e que portanto o sr. José Joaquim Caria não tem responsabilidade de qualquer espécie nessas produções nem é o «Zé de Montijo».

NOTA DA REDACÇÃO:

Lamentamos sinceramente que algumas pessoas tenham interpretado mal a intenção do nosso colaborador «Zé de Montijo» ao focar na sua *Gazetilha*, uma figura típica e popular da nossa terra.

Nem «A Província» nem «Zé de Montijo» pretenderam amesquhar o popular vendedor de lotarias António, rapaz que conta na nossa redacção bons amigos e que estão sempre prontos a ajudá-lo. Não há insulto nem ofensa de qualquer espécie, há sim uma caricatura inofensiva e graciosa que não deve de forma alguma parecer mal ao visado, pois não foi com esse intuito, segundo nos declarou o autor que os versos foram feitos.

Mesmo de outra forma nunca aquela produção teria cabimento no nosso jornal.

Casa Víctor

Comunica aos seus frequentes que o seu telefone é o n.º 026 379.

«A Província»

ASSINATURAS

10 números — 10\$00
20 números — 20\$00
52 números — 50\$00 (um ano)

Provincias Ultramarinas e Estrangeiro acresce o porte de correio

ALMEIRIM O VINHO que melhor satisfaz o gosto dos Ex.mos Consumidores.
Almeirim, Branco, Tinto e Palhete, é sempre bom até ao fim — Distribuidor em Montijo, CENTRAL DAS ILHAS Rua Guerra Junqueiro, 6

O tempo

Na segunda-feira, das 17,30 às 20,30 horas pairou sobre Montijo uma violenta trovoadá acompanhada de fortes chuvadas que ocasionaram grandes inundações nalguns pontos da vila. Os Bombeiros tiveram de acudir a várias chamadas, especialmente no Bairro dos Pescadores e Avenida D. Nuno Alvares Pereira, onde a cheia atingiu muitas residências particulares, causando prejuízos materiais de certa importância.

Espectáculos

Cartaz da Semana

CINE POPULAR

5.ª-feira, 28: «Missão Secreta».
Sábado, 30: «King Kong» e «O Forasteiro».

Domingo, 1: Matinée para crianças «Peter Pan» Soirée «Tortura de Mãe».

2.ª-feira, 2: «A Guerra dos Mundos» e «O General Morreu ao Amanhecer».

CINEMA 1.º DE DEZEMBRO

Sábado, 30 e Domingo, 1: «O Cavaleiro Andaluz» (para 13 anos).

2.ª-feira, 2: ?

4.ª-feira, 4: «Até à Eternidade» (para 18 anos).

Clube Desportivo de Montijo

Aviso convocatório

Nos termos das disposições estatutárias é convocada a Assembleia Geral, a reunir em Sessão Ordinária, no Salão de Festas da Rua José Joaquim Marques, nos dias 29 do corrente e 20 de Maio p. 1.º, pelas 21 horas, com a seguinte ORDEM DE TRABALHOS:

Dia 29 de Abril de 1955

ELEIÇÃO DOS CORPOS GERENTES PARA O EXERCÍCIO DE 1955.

Dia 20 de Maio de 1955

DISCUSSÃO E VOTAÇÃO DOS RELATÓRIOS E CONTAS DAS GERÊNCIAS DE 1953 E 1954.

Não havendo número suficiente de sócios à hora indicada, a Assembleia funcionará meia hora depois com qualquer número.

Montijo, 20 de Abril de 1955.

O Presidente da Assembleia Geral

a) Dr. Avelino José da Rocha Barbosa

PNEUS
M A B O R
Agência oficial:
Viuva & Filhos de Román Sanchez

VENDE-SE

Fábrica de granulados de cortiça, rolhas e prancha com alvará

TRATA

A. GOUVEIA Rua Central, 1 MONTIJO

SALINEIRA MONTIJENSE

DE

JAIME PEREIRA CRATO ARAÚJO

Sal para Consumo público, aos melhores preços do mercado

A Salineira Montijense,

Sempre pronta a bem servir, aguarda as ordens dos seus estimados clientes e amigos.

R. António Semedo, 12 (junto ao novo mercado) — Telef. 026 413 — MONTIJO

Café Portugal

SALÃO DE FESTAS no 1.º andar — SALÃO DE BILHARES com Snookers

SERVIÇO DE CASAMENTOS E BANQUETES
Com Salão Próprio

Praça da República MONTIJO

ENCICLOPÉDIA

Quadros dos Açores

*A terra, assim, não foi imaginada,
nem como tal chegou a ser descrita:
verde, só verde; é mancha esverdeada
da erva à longa rama que se agita!*

*Vai-se a um pico e sobe-se; a mirada
de tanto ver o verde, o verde evita
olha o oceano, a onda sossegada
dá-lhe mais verde e o cérebro medita:*

*Se a Natureza pôs tanta verdura
em sítio de tal viço e tal frescura
e com o mar por trono e por docel,*

*Fica justificado à maravilha
um seu segundo nome, o de «Verde Ilha»,
seguindo ao do patrono, S. Miguel!*

(Inédito)

José M. Pereira

Barristas alcobacenses

= II =

Em Portugal existiram notáveis barristas e «se, porventura, os nossos barristas de então — como é de crer — alguma influência sofreram dos estatuários de fora, como Sansovino, Hodarte e do próprio Bernini, a sua linguagem é claramente portuguesa nas atitudes, na forma e no espírito».

«Outros evocarão neste momento os Presépios de barro que no final do século XVIII povoaram oratórios e altares. Mas o pitoresco que essas imagens de romaria evocam com os seus cortejos de Magos e séquitos de cavaleiros, com descansos à beira das fontes e danças pelos caminhos ao som das sanfonas e gaitas de foles, os braços carregados de oferendas até junto do estábulo santo, rodeado de anjos e de nuvens, todo esse quadro de «auto sagrado» interpretado cenograficamente pelos nossos barristas tudo reflete o gosto popular e devoto do século XVIII».

Os nossos barristas não fizeram escola, mas produziram isoladamente obras muito notáveis e únicas no País. Entre as diversas fábricas barristas conta-se a de Alcobaça que produziu obras notáveis no século XVII. Foram alguns dos frades do Mosteiro Beneditino hábeis escultores em barro policromado. Algumas das figuras que ali ainda existem encontram-se danificadas, outras conservam-se em bom estado de

conservação, tal como a cabeça degolada de S. João Baptista tão elogiada por Ramalho Ortigão e que se lhe afigurava «digna de concorrer entre as mais belas obras de escultura nacional».

Ao penetrarmos na Sala dos Reis, do Mosteiro de Alcobaça, que data do século XVIII, logo deparamos nas quatro paredes, sobre mûsulas de pedra 19 estátuas de barro policromado de Reis de Portugal, desde D. Afonso Henriques até D. José, faltando as dos Filipes e as de D. João III, D. Henrique e D. João IV que caíram por ocasião do terramoto de 1755.

Todas as figuras ali existentes são de estatura alta. A meio da parede fronteira à porta da entrada um grupo que representa o coroação de D. Afonso Henriques pelo Papa, que ostenta a tiara pontifical e por S. Bernardo que enverga hábitos prelatícios.

Na Igreja de N. S. do Desterro, no antigo «Jardim das Murtas» viam-se até há poucos anos diversas esculturas policromadas, entre elas Santo Estêvão, Cristo na Coluna, Cristo Morto, Santa Umbelina, Santa Tereza, Santa Mafalda, Santa Sancha e outras imagens em barro cozido.

(Continua)

Luís Bonifácio

Data boas Fotografias

Foto Montijense

Pequenas biografias

TALMA, esse génio que se viria a chamar «teatro»

Estamos certos que a maioria dos nossos leitores já viram, por mais duma vez, empregar a frase «Arte de Talma», como sinónimo dessa tão bela como incompreendida arte que é o Teatro.

Mas saberão todos quem foi Talma? Talvez não. E é precisamente por isso que hoje vamos falar dele.

Talma — como a boa lógica aconselha — foi um actor teatral. Não um actor banal, vulgar, mas antes uma extraordinária vocação para a arte, a que dedicou toda a sua vida.

É vulgar dizer-se que há pessoas que mercê dos seus excepcionais dotes para qualquer mister, dão o seu nome à época em que vivem. O mesmo sucederia a Talma se acaso ele não subisse ainda mais alto, chegando ao ponto de ligar para sempre o seu nome à história do Teatro.

Na verdade, as suas extraordinárias faculdades criadoras e a grande vontade de se manter o mais perto possível da realidade, colocando acima de tudo a verdade histórica, aliadas a um formidável jogo cénico, permitiram-lhe operar grandes transformações na encenação e na arte de dizer, na qual deu às palavras a medida e expressão exactas, de acordo com as circunstâncias psicológicas das figuras que representava.

Podê dizer-se que, com a «chegada» de Talma, destronou-se a prática da grande enfase declamatória, que até ali fizera o seu reinado absoluto.

François Joseph Talma, essa notabilíssima figura do teatro de todas as épocas, nasceu em Paris no dia 15 de Janeiro de 1763. Iniciou-se na vida como dentista, por

influência de seu pai que exercia essa profissão, e assim se manteve até que a sua paixão pelos palcos o levou a estrear-se em 1787.

Depois da sua primeira representação, que foi saudada com simpatia, François começou a trepar a difícil e perigosa escada do éxito, tendo a sua consagração na peça Carlos X, de José Chénier.

Porém, logo a seguir, surge-lhe na vida um período menos afortunado. Estava chegada a Revolução, e por amor às suas idéias, ele estava do lado delas.

Será por causa dessas idéias revolucionárias (ou não fosse ele o mais belo «revolucionário» que o teatro possuiu) que François Talma, se verá arremessado para um plano secundário, interpretando peças de tão baixo nível, que só a sua inconfundível categoria conseguiu fazer com que elas atingissem a popularidade de que algumas chegaram a disfrutar.

E como se esta injustificável descida não bastasse, acusaram-no ainda — calúnia que ele desfez facilmente — de tomar parte nos crimes da Revolução — essa grande nuvem negra que cobriu o céu francês daqueles tempos.

Ao que parece as reformas que este actor sem par, introduziu no teatro, foram bem acolhidas por Napoleão I, que o estimava ao ponto de o convidar a acompanhá-lo a Erfurt, onde ia ter um encontro com o Imperador Soviético.

Dir-se-ia que Napoleão I queria demonstrar às mais altas personalidades políticas e diplomáticas, quanto a França se sentia orgulhosa por possuir o mais extraordinário actor de todas as gerações.

Pensando bem, a grande lição de arte de representar dada em Erfurt, talvez fosse o mais belo momento da sua carreira, porque ao menos nessa hora de teatro, ele fez com que os grandes senhores do mundo estivessem todos de acordo.

O que depois disto se passou foi um rosário de triunfos, a que por méritos próprios, tinha jus, e que só pararam quando resse 19 de Outubro de 1826, em Paris, um «enorme», trágico, que em vida se chamou François Joseph Talma, e que para a Eternidade se viria a chamar «teatro», embarcou, em glória, para a «tal» viagem sem regresso.

José António Moedas

A semana histórica

Coordenação de
Frei Agostinho de Penamacor

ABRIL

Dia 28 — 1657 — Sai de Elvas em Socorro de Olivença, o Conde de S. Lourenço.

Dia 28 — 1286 — Foi colocada a 1.ª pedra para o mosteiro de Santa Clara, em Coimbra.

Dia 29 — 1858 — Aboliu-se a escravatura em todo o território português.

Dia 29 — 1858 — D. Pedro V casa com D. Estefânia.

Dia 30 — 1824 — Rebentou a revolução que ficou conhecida pela «Abrilada».

MAIO

Dia 1 — 1899 — O congresso internacional operário, reunido em Paris, em Julho deste ano, decidiu consagrar o futuro dia 1.º de Maio a uma greve geral que marcaria o início das reivindicações das 8 horas diárias de trabalho.

Como entrou no uso da nossa língua a palavra greve achamos curioso recordar-lhe a origem.

Era na praça da greve, em Paris, que no século XVIII os operários sem trabalho se juntavam para contratos.

Dia 2 — 1458 — Nasceu D. João II.

Dia 3 — 1500 — Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil.

Dia 4 — 1460 — Diniz Dias, Diogo Gomes e António de Nola descobriram as ilhas de Cabo Verde.

Alfredo Sobral Dias

Oficinas:

R. José Nepomuceno, 21 - Telef. 026 322

Pracete fl. - Late 13
COVA DA PIEDADE

MONTIJO

Mecânico

Reparações e Ajustagens de Máquinas de

ESCREVER — SOMAR

CALCULAR — CHEQUES

DESPORTOS

Correu o pano sobre as nossas aspirações

A equipa do C. O. L. realizou uma bela demonstração de unidade ao ficar reduzida a 9 elementos e conseguir chegar ao fim dos noventa minutos com o empate a seu favor, o que para si representou uma vitória.

Foi pena não ter o C.D.M. aquele talento preciso para, após a expulsão do interior orientalista, impor a vitória das suas cores o que lhe traria uma posição mais agradável para as suas aspirações de baluarte de desporto local.

De facto, a equipa revelou uma falta de capacidade durante todo o encontro que embora com a tarefa facilitada não chegou a impressionar os seus adeptos a acreditar nos seus adeptos a acreditarem na vitória final.

Não acusamos ninguém porque encaramos os factos com realidade. E para que tenhamos de aspirar mais do que permitem as nossas possibilidades?

Fomos até onde podíamos, talvez, mesmo, onde não podíamos ir por enquanto.

Não é com uma massa associativa que não chega a dois mil sócios que uma agremiação desportiva pode acalantar desejos de figurar entre os grandes.

E' bom não esquecer que, no Montijo, poucas são as dedicações «de peso», daquelas que podem levar um clube a grandes vãos e que normalmente são vãos fadados.

Diz-se por cá que é ne-

cessário semear para colher. Não concordamos com a sentença, porquanto a seara pertence a todos, os sócios, os adeptos, os simpatizantes, os praticantes, etc., etc., todos aqueles que de Montijo são, ou ao Montijo estão ligados por quaisquer laços.

Para nós, desportistas montijenses, nada mais a esperar na presente época.

Pensemos na temporada vindoura e não queiramos fazer da situação de sócio do Clube Desportivo de Montijo um mesquinho acto mercantil — queremos dizer, continuemos a prestar ao clube todo o nosso apoio até vermos regressar as equipas para novas lutas de glória e tristeza, cambiantes próprios das incertezas do desporto.

Seria contra os princípios que nos guiam olvidar a ausência do «internacional» Francisco Moreira da equipa representativa do C. D. M.. Não temos palavras para exprimir a nossa repulsa pela acção, nada dignificante, do profissional Moreira, ao abandonar os seus colegas e desrespeitar os dirigentes do C. D. M., para não focar a falta de consideração manifestada pelos desportistas da nossa terra, onde conta com sólidas e velhas amizades.

Não podemos conceber um homem que desde verdes anos anda ligado ao desporto e deste recebeu tudo que na vida hoje pos-

sui, possa praticar uma acção que reflecte uma profunda falta de brio, desrespeito por si e por todos os compromissos a que está ligado e quebra de honorabilidade profissional.

Moreira serviu mal o Montijo e o seu clube.

Moreira ao atingir a meta de sua carreira, não consegue como muitos outros atletas, sair em beleza. Demonstra declínio físico e moral.

Como atenuantes, oferecemos-lhe as deficiências que regem as condições do nosso futebol e permitem encobrir actos como este sem punição legal que servisse de exemplo a outros casos e acatelassem ambas as partes.

Sabemos que a Direcção do C. D. M. suspendeu Moreira de todas as suas regalias e aguarda o seu regresso para resolver sobre a sua futura situação.

Que se faça justiça!

Manuel Lino

O Sport Lisboa e Benfica

Campeão Nacional de Futebol

Mercê das vicissitudes que o desporto oferece, conquistou o glorioso S. L. Benfica o título máximo do futebol português.

Justa recompensa que o destino lhe ofertou pela passagem do 50.º aniversário.

Tem sobejos méritos o popular Benfica, para gravar no seu brilhante «palmarés» mais esta vitória que muito bem lhe assenta.

Todavia nesta hora de euforia para os «encarnados», não queremos esquecer os desafortunados Belenenses que tanto porfiaram pela posse do cobiçado título e nos últimos minutos dum dramático jôgo viram por terra as suas legítimas aspirações.

A reforçar a tese das incongruências do desporto — actividade baseada no jôgo, inerente portanto, às mais dispares conclusões — verificamos que o título conseguido pelo Benfica foi-lhe, digamos, concedido pelo seu mais directo rival das pugnas desportivas o Sporting Clube de Portugal, outro grande empório da cultura físico-desportiva do nosso País.

A qualquer dos três muito bem assentaria a «coroa» que lhes acenava o Futebol — Desporto Rei.

«A Província» endereça ao Sport Lisboa e Benfica efusivas saudações pela merecida vitória.

Ao Belenenses não podemos deixar de acenar com uma desvelada simpatia e desejar-lhe calma e ponderação, pois no desporto tudo acontece, até o inverosímil.

Ambos são dignos campeões!

Futebol

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

Montijo, 2 — Oriental, 2

Jogo no Campo Luís d'Almeida Fidalgo. Arbitro, Curinha de Sousa, de Portalegre.

As equipas formaram: **Montijo** — Rodrigues; José Luís e Cacheirinha; Gimenez, Fábrega I e José Paulo; Raul, José Maria, Fábrega II, J. José e Benje.

Oriental — Edmundo; Morais e Capelo; Mendes, Luz e Santana; Graça, Leitão, Albuquerque, Rogério e Almeida.

O valioso ponto que o Oriental arrecadou na sua deslocação ao Montijo, servirá talvez de estímulo, para o ambicionado triunfo final, mormente pela maneira como o conseguiu, visto que aos 19 minutos finais estar reduzido a 9 unidades. O Montijo, entrou a jogar na melhor maneira para destronar a defesa dos orientalistas, e assim conseguir abrir o activo, podendo obter uma vitória de rompanete para tranquilizar a equipa. Mas a defesa do Oriental, jogando atenta quebrava o ímpeto dos montijenses, e só, quando iam decorridos 30 minutos de jogo se notou equilíbrio nas equipas, e não surpreendeu que Albuquerque aos 35 minutos obtivesse o 1.º golo do Oriental, em passe que lhe fez o seu colega Almeida, e apesar de a sua equipa estar já reduzida a 10 unidades, pela saída de Santana, que se lesionou num joelho.

O Montijo sentindo o perigo

redobrou as suas energias, e numa jogada pela asa direita, Raul centrou e Fábrega II, de cabeça estabeleceu a igualdade, faltava apenas 3 minutos para o descanso. Os adeptos do Oriental, reclamaram fora de jogo ao avançado centro montijense, mas a jogada de facto foi muito rápida, e tivemos a impressão de que houve falta, mas sim do extremo montijense mas o árbitro não assinalou na altura própria, Fábrega II quando entrou no lance e marcou o golo, não estava em falta.

Com o empate 1-1 terminou o 1.º tempo.

Recomeçado o 2.º tempo e apenas com 30 segundos de jogo o Oriental, por intermédio de Rogério colocou-se novamente em vencedor. Com esta vantagem os orientalistas cuidaram logo na defesa, mas aos 19 minutos perderam o concurso de Almeida, que recebeu ordem de expulsão por ter tentado agredir a pontapé José Maria. Marcado o livre contra o Oriental e numa pequena desatenção de Edmundo, Raul marca o 2.º golo da sua equipa, estabelecendo novamente a igualdade, iam decor-

ridos 20 minutos de jogo, faltando portanto 25 minutos para o termo da partida. Desde então os montijenses atacaram em massa, obrigando os orientalistas a defenderem-se com denodo, mas o marcador não sofreu alteração, porque os avançados montijenses a atirar a bola para as núvens, não atinavam com a baliza. A jogar nestes termos nunca se pode ganhar jogos, mesmo a beneficiar da inferioridade numérica do adversário.

No Oriental, temos a apreciar a maneira como se defenderam, para conseguir levar o empate, sendo de salientar Leitão e Rogério.

No Montijo, francamente, cada vez nos admira mais a maneira como tentam internar-se na área do adversário; chegam a afunilar o jogo, não abrindo aos extremos para descontrolar a defesa contrária. Isso não é tática, porque se torna difícil transpor uma barreira, quando ela é formada por jogadores conhecedores como os do Oriental. A equipa no 1.º tempo foi bem secundada por Gimenez, para nós o melhor dos 22 em campo e muito bem coadjuvado por José

(Continua na página seguinte)

Basquetebol

Algés, 65 — Montijo, 29

Jogo disputado em Algés, a contar para o Campeonato Nacional da 2.ª Divisão.

Alinharam e marcaram: **Algés** — Mota (6), Flores (2), Ferreira (6), Neves (17), Lopes (4), Dias Pereira (11), Perdigo (10), Duarte (9) e Gonçalves. **Montijo** — Cosme, Cepinha (2), Barreiras (8), Tomás (13), José Rosa (6) e Gabriel.

Arbitragem do sr. António Mendes.

O Algés, que é no nosso País das equipas que melhor emprega o sistema defensivo de homem-a-homem, não teve dificuldade em vencer os montijenses, por um resultado volumoso. A turma de Montijo que continua impossibilitada de treinar capazmente por falta de luz no seu campo de jogos, ressentiu-se ainda da ausência de alguns elementos de considerado valor que não se puderam deslocar a Algés. Este facto mais

fez baixar o rendimento da equipa perante tão valoroso adversário. Tendo em atenção estas circunstâncias, o resultado final do prélio não se pode considerar exagerado.

* * *

No próximo domingo, dia 1 de Maio, visita Montijo a equipa do Moscavide, para defrontar a equipa local no campo do Parque, às 10 horas.

Zé Desportivo

ANTIGERMINA

RAPEC

Representações Agro-Pecuárias

Distribuidores nos CANCELHOS de: Montijo, Palmela e Alcochete

PRAÇA 5 DE OUTUBRO, 8 — MONTIJO

Fotofilme Trabalhos para amadores - Fotografias d'Arte - Aparelhos fotográficos
Reportagem Fotográfica
R. Bulhão Pato, 11 MONTIJO

R. Almirante Cândido dos Reis, 34 - MONTIJO
Carvalho & C.ª L. da AGENTES

no Distrito de Setúbal da última novidade Alemã

HANHART

START-STOP

O interruptor automático que permite ligar ou desligar automaticamente qualquer aparelho eléctrico a qualquer hora que se desejar,

HANHART - Start-Stop

faz com que V. Ex.ª:

— Sem sair de casa tenha a mostra do seu estabelecimento acesa ou apagada a qualquer hora que desejar.

— Seja despertado à hora desejada, ao som da música transmitida pelo seu aparelho de rádio.

— Ao levantar-se da cama tenha o seu pequeno almoço já preparado sobre o vosso fogão eléctrico.

Estas são algumas das inúmeras vantagens do

Hanhart - Start-Stop

Columbofilia

Galeria dos campeões

Valença-Montijo, 369,300 kl
Pombos inscritos: 246

Francisco Jesus da Silva fala para o jornal «A Província»

Dentro do pequeno meio columbófilo em que vivemos, e talvez por isso mesmo, reduzido têm sido o número daqueles que, pela persistência, pela sua força de vontade, têm sabido impor-se à consideração de todos, novos e velhos, experientes ou iniciados, na criação de pombos correios. É o caso de Francisco Jesus da Silva, o popular «Chêta» um amator que há muito se notabilizou, com a sua colónia onde predominam os «Stassart».

Desejando arquivar as suas impressões como vencedor de Valença amavelmente se pôs à nossa disposição e nos disse:

— «A PROVINCIA» conquistou a confiança e a simpatia dos verdadeiros adeptos da nossa modalidade, é pois já um elo forte que estabeleceu a união e a ligação entre todos os amadores há muito efectuada, sendo nosso desejo não pereça na luta que encetou, desejando-lhe uma vida longa e próspera.

— Obrigado!...

— Como encaraste a tua primeira vitória deste ano?

— Com naturalidade, e espero que o meu «Stassart» me dê mais momentos de alegria...

— Qual é a origem da tua colónia?

— Foi o meu amigo Alfredo M. Soeiro que me deu dois ovos do seu famoso «Stassart», e é o que se vê...

— Costumas drogar os teus pombos?

— Não, nem penso nisso...

— Qual é a alimentação?

— Só milho...

— Concorres ao natural?

— Sim, não tenho vagar para pensar noutros métodos...

— Quantos primeiros prémios já tiraste desde que és amator?

— Três...

— Quais os adversários que mais temes?

— Rosendo Silva Samoreno e José Martins Barros...

— Nada mais queres dizer?

— Sim é meu desejo, que todos os amadores enviem o maior número de aves aos concursos, e que haja o maior desportivismo, para assim elevar o nome da S. C. de Montijo.

Eduardo dos Santos Baeta

Sociedade Columbófila de Montijo

Classificação da prova
La Corunha a Montijo
10 de Abril de 1955
84 pombos inscritos

Victor M. M. Viegas, 1.º, 13.º e 32.º; Francisco Jesus Silva, 2.º e 8.º; Francisco J. V. e Castro, 3.º, 5.º, 15.º, 27.º e 29.º; Rosendo S. Samoreno, 4.º, 9.º, 11.º, 24.º e 37.º; Raul Lopes Martins, 6.º; Jorge Sotano Lopes, 7.º e 10.º; Aldemiro E. Borges, 12.º, 22.º, 25.º e 35.º; Alfredo Nogueira Lucas, 14.º; João Teodoro da Silva, 16.º e 40.º; Diogo Mendonça Tavares, 17.º, 20.º, 28.º, 30.º e 36.º; Cristiano J. Moreira, 18.º e 23.º; José Cumpertino Borges, 19.º e 33.º; Laurentino de Oliveira, 21.º e 26.º; Justiniano A. Oliveira, 31.º; José Martins de Barros, 34.º; José Correia Leite, 38.º; Reinaldo M. Bernardo, 39.º.

Apreciando e comentando...

Para que não nos acusassem de pessimistas ou derrotistas, temos agido de modo discreto, esperando e desejando que a pouco e pouco os males fossem exterminados, para bom gáudio do nosso futebol. Na verdade alguns já quase não existem, mas outros ainda germinam. Numa cultura onde a semente não é das melhores e o solo não é fértil, dificilmente, por muito cuidada que seja, poderá dar boa colheita. Custa-nos ter que ser nós os primeiros a lançar a chama, mas uma consolação nos resta. Ficamos com a consciência entregue a Deus. Nós que de raiz somos montijense, que nascemos e crescemos nesta terra por nós tão querida, não podemos nem devemos ficar de braços cruzados, a lastimar. Há que unir todos, para que todos remem para o mesmo lado, porque se assim não for, o barco vai rodando e nós vamos entolecendo. No Montijo há jogadores que são autênticos profissionais. Como tal, julgamo-nos com direito de exigir mais do que aquilo que, de certa data para cá, têm vindo a fazer. A carapuça é para quem servir e quem não quiser ser lobo, que não lhe vista a pele. O Oriental foi uma equipa de homens com querer e saber, onde Morais, aquele que mais nos feriu a atenção, se portou como um gigante. Edmundo esteve seguro e muito atento, salvo o segundo golo que sofreu, onde teve grandes culpas. O internacional Rogério sendo bastante discreto, actuou com astúcia, fruto da sua longa e gloriosa carreira. Leitão foi um jogador inteligente que se sobressaltou quando por necessidade teve que recuar. Os restantes defenderam um resultado, que só à custa de muita coragem, o conseguiram. Na equipa do Montijo, houve muito bom e muito mau. A defesa teve tarifa fácil mas nem por isso deixou de cometer erros. No primeiro golo que sofreu, Fabrega I levou longe demais o seu raide, não tendo depois velocidade para recuperar. Uma coisa é verdade. Preencher os lugares daqueles que se deslocam, é movimentação que os nossos jogadores desconhecem. A linha média (ao contrário do domingo anterior), foi o sector mais pênulo onde Gimenez foi o maior, ofuscando colegas e adversários, com a sua soberba exibição. Paulo, além de esforçado pecou por levantar muito o esférico e nem sempre acertando com a posição no terreno. O quinteto atacante, foi o muro onde só passaram as bolas mais altas, porque as razas fizeram sem-

MONTIJO - ORIENTAL

(Continuação da página anterior)

Maria, que a interior em ajuda à defesa foi ótimo, mas os avançados não souberam tirar partido da ajuda destes 2 companheiros. Benje continua a ser uma nulidade. Mau humor? Desinteresse? Não se chega a compreender, talvez uns jogos na reserva lhe fizessem bem. Raul teima em demorar a bola e quando centra, já está o adversário junto de si.

Isso não é de um extremo, menos voltas e mais jogo prático, para beneficiar a equipa. J. José apesar de não fazer grande alarde do seu poder físico, porque também não tinha extremo para jogar, pode classificar-se de razoável; Fabrega II, sempre ele, batalhador e muito oportuno, valendo-lhe a obtenção do 1.º golo, mas sem a ajuda dos seus companheiros, acabou por secumbrar.

Na defesa Fabrega I, continua a ser o esteio da equipa e bem amparado, por Caixeirinha e José Luis, que mesmo assim, ainda teve alguns lances incertos mas desculpáveis, porque teve de defrontar um adversário veloz. No entanto, esperávamos mais da equipa.

Depois do Oriental estar reduzido a 9 unidades, podiam ter construído a vitória, mas faltou-lhes aquela preparação e calma necessárias em ocasiões propícias como esta.

Ainda há pouco tempo lhes era atribuída falta de preparação física, mas viu-se que a preparação já apareceu, não como desejávamos, mas também não podiam ser em tão pouco tempo. Agora a tática e esquemas de jogo é nulo. E sem esses predicados não se podem ganhar jogos, a equipas que os apresentam.

A arbitragem do sr. Curinha de Sousa, foi muito pobre para a sua categoria, deu-nos a impressão que se desorientou, mas num jogo correcto como este foi, não era caso para tal.

Elisário Joaquim Carvalho

pre ricochete. Quis-nos parecer que o muro estava mais alto do lado esquerdo, porque, não passaram nem altas nem razas. Seria conveniente baixar mais o muro deste lado.

Quanto à arbitragem, foi mais imparcial do que a dos Olivais, mas nem por isso deixou de ser isenta de erros.

José Canarim

PASTELARIA
ESPERANÇA

Fabricação esmerada de bolos em todos os sortidos para venda ao público. Fornecem-se lanches para baptizados, casamentos, soirés, etc.
Rua Joaquim d'Almeida, 49
MONTIJO

Tauromaquia

A corrida realizada no passado Domingo no Campo Pequeno tinha como especial interesse a competição de um cavaleiro espanhol com um português: Angel Peralta e Manuel Conde; constituindo o resto de cartaz os novilheiros Jaime Bravo e El Turia e ainda os forcados de Tomar para pegarem os dois toiros de Claudio Moura lidados a cavalo, pois os outros dois do mesmo ferro foram lidados, a cavalo sim, mas em pontas.

Para a lide a pé, enviou Pinto Barreiros 4 novilhos bem apresentados, com nervo e bem intencionados. Os toiros que Claudio Moura enviou para a lide a cavalo, também estavam com boa apresentação e proporcionaram boa actuação aos cavaleiros.

Manuel Conde lidou o seu primeiro toiro com calma, boas preparações e remates, como mandam as regras da Tauromaquia Portuguesa, repetindo o mesmo trabalho no segundo toiro que saiu em pontas; o público ovacionou no final da lide de qualquer dos toiros.

Angel Peralta que sofreu uma colhida no seu primeiro toiro, aparatosa mas sem consequências, pois, a montada a certa altura parou. Mudou de cavalo e então desenvolveu um toureiro movimentado com boas preparações, espectaculares, cravando bons ferros compridos, pares de bandarilhas a duas mãos e pares de bandarilhas curtas a uma mão. No seu segundo toiro que saiu em pontas desenvolveu o mesmo toureiro e até colocou dois pares de bandarilhas a duas mãos, um pela direita e outro pela esquerda. Ovação e flores.

Jaime Bravo toureou os seus dois novilhos com valentia, executando passes com valor, pelo que o público ovacionou, contudo foi colhido aparatosamente no seu primeiro, sem consequências felizmente.

El Turia, o outro novilheiro, também toureou os seus dois novilhos com certo valor, dando bons passes, em especial no início de cada faena de muleta, não correspondendo ao seguimento da mesma, mas sendo também ovacionado.

Os forcados fizeram duas boas e rijas pegas.

O público não encheu por completo as bancadas, mas os que assistiram ao espectáculo saíram a contento.

Um Aficionado

CONTRA A CASPA

Quer ter cabelos bonitos e abundantes? Use o **Petróleo Químico Jódico**. Loção progressiva contra a caspa e a queda do cabelo. Vende-se nas farmácias e nas drograrias; Depositário geral

Diogo da Silva Salão

Rua Joaquim de Almeida, 132

MONTIJO

RAPECC

Representações Agro-Peruárias

Suplementos alimentares:
Penibédoze - Vitalon - Microvit - Peni-vitam - Sais minerais, etc.

Pintos de raça importados - Antigermina

Praça 5 de Outubro, n.º 8

MONTIJO

Tendo V. Ex.ª que efectuar Seguros em qualquer ramo não deixe de consultar

Luis Moreira da Silva

Rua Almirante Reis, 27
Telefone 026 114

MONTIJO

Pneus MABOR MEDIDAS EM STOCK PARA

MONTAGEM Automóveis e Camions e assistência técnica Gratuitas

Representante Oficial: **MARPAL, L.ª**

Rua José Joaquim Marques, 27
Telefone 026 151

MONTIJO

Se quer vestir bem e barato

SÓ NA

Alfaiataria Progresso
de ALMEIDA DE ALMEIDA

Execução perfeita
Corte impecável

R. Joaquim d'Almeida (vulgo R. Direito), 5-1.º-D.º
MONTIJO

SANFER, L.ª DA

SEDE

LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º

ARMAZÉNS

MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moíno que resistiu ao ciclone FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.
CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados RÍCINO BELGA para abubo de batata, cebola, etc.
CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro
ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

Sociedade Montijense de Representações, L.ª

Agentes das melhores marcas de Aparelhos de Rádio MEDIATOR e MULLARD - Máquinas de Escrever, Calcular e Somar ROYAL, FACIT e SUMMA

R. Almirante Cândido dos Reis, 38
TELEF. 026 288 MONTIJO

ARCO-IRIS

por Nuno de Menezes

A escolha de sexo
é fácil...

Graças a um calendário que veio revolucionar o Mundo, depois de 40 anos de febris pesquisas, o velho António Sabatucci, modesto alfaiate em S. Vito Castellana, uma aldeia montanhosa de Itália, demonstra pelo seu invento ser hoje fácil conceber à vontade o sexo do filho que se deseja. António Sabatucci, um velho de 61 anos de idade, arrancou à natureza o mais profundo e misterioso dos seus segredos. Já quando se casara com Maria Carlelli em 1915, Sabatucci, vivia familiarizado com as leis doutrinárias do seu calendário. A demonstrar o seu alto invento está, o correio subir o caminho perdido de S. Vito, para lhe fazer entrega de milhares de cartas de mães que desejam escolher o sexo dos seus filhos e ainda outras, de felicitações por êxitos já obtidos pelo método do modesto alfaiate, pai de 6 crianças, que antes de nascidas foi perditado na roda de amigos o seu sexo que se confirmava após o nascimento. Contudo, segundo ele próprio não explora o seu estudo, desejando apenas ver os seus métodos reconhecidos pelo Estado.

Sabatucci, editou o seu calendário milagroso com validade até 1960. Por estarmos ainda dentro do prazo demarcado, não fujo à curiosidade de transcrever o referido calendário.

Assim temos:

De Janeiro a Julho de 1954, as datas mais indicadas ao concebimento de rapazes, são os seguintes:

Janeiro: de 12 a 18 e de 26 a 31;
Fevereiro: 1 e 2; de 10 a 16;
Março: de 1 a 4 e de 12 a 18;
Abril: de 1 a 3, de 11 a 17 e de 25 a 30;
Maio: de 1 a 8 e de 16 a 23;
Junho: de 1 a 7, de 15 a 22 e a 30;
Julho: de 1 a 6, de 15 a 22 e de 29 e 31.

Em todas as outras dadas não compreendidas neste calendário, segundo António Sabatucci, serão concebidas crianças do «sexo-fraco».

Eis pois solucionado o problema de certos pais, esperanças num rapaz e surgir-lhes uma rapariga. Nestes últimos 10 anos, a ordem das coisas foi totalmente modificada em S. Vito de Vale Castellana, aqui, nascem 40% mais de rapazes. Que sucederá em Portugal?!... Os pais curiosos, o dirão...

Não olhou para Ava Gardner

Há tempos, se bem me lembro, foi-me dado apreciar numa revista, uma pequena reportagem fotográfica, destas que por vezes nos mostram factos ocorridos com as meninas da tela. Tratava-se de Ava Gardner, desafiando um granadeiro da Guarda Real Inglesa, que, numa prova de disciplina militar, nem sequer esboçou um leve sorriso a Ava, dando-lhe o direito a ser louvado na Ordem do Dia da sua corporação.

Chegada perto, junto mesmo, do granadeiro, disse-lhe: «Não pode olhar para mim, só por um momento? Sou Ava Gardner!»... Relatava então a revista a dada altura, «se seria possível o impávido soldado, resistir à tentação de contemplar Ava em carne e osso, pois não é todos os dias que um pobre mortal tem possibilidades de ver pessoalmente uma estrela de cinema».

Não há que ver, este disciplinado granadeiro, perdeu uma grande coisa, na maneira de pensar de certos «fans» dengosos! Quem é Ava Gardner ou qualquer outra como ela? Boa artista, é-o sem dúvida, mas daí o dar-se-lhe a ela, e a outras mais, a opulência e a altitude que por vezes dão, vai muito além de quem usa gravata e calça sapatos.

Como seria interessante, e até de valor estimativo para a posteridade, numa recordação de preito e gratidão, uma reportagem longa e educativa daquele que foi Sir Alexander Fleming, que duou o mundo terapêutico, com a Penicilina. Será que uma estrela de ci-



do Minho ao Guadiana



TERRAS DA NOSSA TERRA

Uma obra notável

escrita pelo capelão de Atalaia há mais de meio século

por LUÍS BONIFÁCIO

Há dias fui encontrar na Biblioteca Nacional de Lisboa uma preciosidade literária ligada intimamente ao Montijo. Trata-se de uma obra série, honesta e talvez pouco divulgada na região — esse trabalho intitula-se: «Narrativa histórica da imagem de Nossa Senhora da Atalaia que se venera na capela sita no monte d'Atalaia do concelho de Aldeia Galega do Ribatejo», publicada em Lisboa em 1887 pelo Capelão de Atalaia, Manuel Frederico Ribeiro da Costa, com prefácio de J. de Lemos, com data de 23 de Agosto do mesmo ano.

Contém o livro — o precioso volume — 144 páginas, com diversos capítulos, desde «Da Veneração de Maria Santíssima, Mãe de Deus», ao XVI que trata do «Arraial d'Atalaia e festa grande».

O autor, em prosa simples, conta-nos o milagre e a história da capela edificada em 1623, não deixando de mencionar «da Romagem dos Círios à Atalaia» e as personalidades que a visitaram: D. João V, Rainha D. Maria de Austria, D. José, Príncipe do Brasil, D. Maria Barbara, Princesa de Austria, etc.

E' de facto uma obra bastante interessante e ainda de grande interesse histórico para o público que gosta de conhecer as «coisas» da sua terra

Para mim, foi um achado e, mais ainda, a dedicatória manuscrita, que reza assim:

«Ao Ex.^{mo} Reverendo senhor Arcebispo de Grazamor, 1.^o Bispo de Damão como preito do respeito e homenagem, oferece o seu antigo discípulo e velho

amigo P.^o Manuel Frederico Ribeiro da Costa».

Esta obra veio recordar-me também uma outra, pouco conhecida — e que possuo — de Tomaz Ribeiro: «O Mensageiro de Fez» (Poema), com data de 1899 e que trata da gruta da Senhora da Rocha, em Carnaxide, aparecida a 28 de Maio de 1822 — isto é, há precisamente 133 anos.

D. Pedro V «vinha muitas vezes à Rocha onde aparecera a Imagem tanto da devoção da Família Real». D. Miguel e D. Luís I por ali passaram igualmente.

Passando-me o primeiro livro pela vista, não quis deixar de registar a sua presença neste jornal jovem que não esquece o passado.

A meu ver, seria muito interessante conseguir a Câmara Municipal do Montijo fazer uma reedição do famoso livro do Padre Manuel Frederico Ribeiro e, com o produto, melhorar a capela de Nossa Senhora da Atalaia.

Estou absolutamente convencido de que o público corresponderia em absoluto à ideia — que não sendo original — é todavia sincera e humana.

A obra deixada pelo autor da «Narrativa histórica» é verdadeiramente notável e séria.

Apesar de ser um sacerdote o livro não possui qualquer aspecto de convicção religiosa; não senhor, o Reverendo Padre soube conduzir com autêntica rectidão o seu pensamento de homem e de historiador.

Aqui ficam esta meia dúzia de linhas para os nossos leitores meditarem.

ne.na, por ter folego para um beijo de 5 minutos, ou ter umas pernas bem delineadas, já ultrapassou a barreira da ciência?!... Já não digo nada, para não errar...

O futebol nacional

Ao falar-se hoje em futebol, é-se obrigado a tirar o chapéu e a limpar os pés, antes de se entrar na sala das decisões, de sua magestade o desporto Rei... No nosso País porém, não necessitamos de tais «salamaleques», porque com respeito a futebol, somos ainda uns moços de estrebaria perante o Mundo que mexe na bola, pelo menos no que se refere às chamadas seleções nacionais... Há muito estamos a precisar da resolução que Mussoline deu à selecção de Itália, quando como nós, andavam em viagens de futebol «turístico» desprestigiando a Nação: não sair, enquanto na verdade não visse que estava um valor

representativo. De tal sorte o fez, que ao sair para o campeonato do Mundo, a Itália, foi dele detentor. Igualmente carecemos de uma longa temporada de casa, até o apuramento condigno. Pois que enquanto virmos, seleccionadores com ordenados ministeriais, (se é que algum ministro ganhe tão bem) e seleções formadas por simpatias inter-clubistas, abandonando elementos da provincia, e quando depois de feita a selecção esta ganha ou perde na prova com um fraco grupo nunca chegaremos ao prisma desejado de conseguirmos perante o estrangeiro o vinco do nosso nome. A prova da preparação e escolha de elementos das nossas seleções está na Militar, que tem sido afinal a mais representativo para o nosso prestígio. E' necessário que os srs. seleccionadores «o» ganhem, mas mostrando trabalho e fruto de contrário... trancas na potra e façamos como a Itália...

A VILA DE BENAVENTE

por PROF. JOSÉ MANUEL LANDEIRO

(Continuação)

Esta vila usa nas suas armas atributos da milícia de Aviz, incluindo a sua cruz, um pendão e duas traves, peças heráldicas que já figuraram no sinete da Câmara, possivelmente no século XVI, o mais antigo padrão das armas de Benavente. Teve pelourinho, diploma comprovativo da sua jurisdição municipal, de que, durante muitos anos, se guardou um fragmento no edificio da Câmara e que o nosso velho amigo, sr. dr. Gabriel Ferreira Lourenço, embora beirão de gema, nascido na histórica vila de Almeida, de tão grandiosas e gloriosas tradições militares, e já hoje, pelo coração, um genuino ribatejano,

fez erguer, depois de devidamente estudado, esse pelourinho. Bravo, Gabriel! Continua a restaurar o passado de Benavente e as gerações vindouras e a ciência arqueológica te bendirão!... * * *

Uma vez que falámos em Benavente, não podíamos deixar de nos referir aos sismos que em 26/1/531 e em 23/4/1909, assaltaram furiosamente a vila. O primeiro deles, de grande intensidade, partiu do «afundimento em oval, lusitano-hispano-marroquino», tendo destruído a vila e causado morte a algumas pessoas. Este mesmo abalo de terra causou imensos

(Continua na página seguinte)

Breve documentário literário de Lourenço Marques

por A. ROSADO

Quando em 10 de Novembro de 1887 Lourenço Marques foi elevada à categoria de cidade, pouco mais era do que meia dúzia de ruas sujas e desajeitadas estendidas da Praça Azeredo à praia Baptista.

Nesse tempo, como dizia Valente Perfeito, Lourenço Marques «era a cidade mais cosmopolita do mundo. Um dos seus mais típicos aspectos era fornecido pelos trajos característicos dos habitantes e pela bizarria dos seus estabelecimentos e edificios. A par do europeu, vestido com o seu fato de dolman todo branco, via-se uma variedade enorme de tipos de todas as raças, desde os oriundos da India, de tez bronzada, com os seus turbantes, sandálias e kimaus recamados de missangas, até ao indígena de capulana, muitas vezes num estado de semi-nudez primitiva. Os chineses, com os seus rabichos, dedicando-se à agricultura; os turcos e os gregos, à pesca e trabalhos de rio; os ingleses, os alemães, franceses e suíços, ao alto comércio; os indígenas, de castas variadíssimas, aos trabalhos manuais; os monhés, parses e banyanes, ao comércio de fazendas e de câmbios; os italianos, às belas artes de negócio de restaurantes; sírios, russos, muitos judeus, espanhóis, holandeses, brasileiros, etc, toda essa população, sem outros laços de afinidade que não fossem os do interesse, formavam um conjunto interessantíssimo aos olhos do visitante.

«Ao lado do edificio pura e genuinamente oriental, elevava-se a construção magestosa à europeia e, algumas vezes, a palhota primitiva do preto. Havia templos para todos os cultos e religiões, desde a mesquita à catedral.

«Um dos maiores acontecimentos que maior curiosidade despertavam em Lourenço Marques, era, sem dúvida, a chegada da mala à sexta-feira; então reunia-se no correio, em frente da extensa fila de caixas postais, uma grande parte da população, numa ânsia extraordinária de receber notícias

dos seus. Falavam-se ali todas as línguas. Cruzavam-se os dialectos de uma sonância esquisita, parecendo, por vezes, que nos achávamos transportados aos tempos remotos da Torre de Babel.»

Apesar de todo este pinturesco, próprio das povoações que emergem do nada e se rodeiam de alguma importância de um dia para o outro, Lourenço Marques destacava-se de todas as terreolas africanas por motivos de ordem política e interesses económicos. Naqueles bons tempos, embora pareça mentira dizê-lo, a cidade tinha nada menos de 19 consulados, representando outros tantos países, ou sejam mais 6 do que existem hoje. O comércio e a indústria tinham atingido já uma importância considerável, os colonos divertiam-se à sua maneira, em teatros e clubes sociais, os transportes entravam na normalidade, misturando-se os «ricks-haws» com os eléctricos e as carripanas tiradas a cavalos, os telefones tornaram-se uma vulgaridade, havia festas da cidade que inspiram as actuais, inaugurou-se o Caminho de Ferro, brincava-se o Carnaval muito mais do que hoje, havia, finalmente, em certos aspectos, uma vida mais intensa e mais curiosa do que agora se vê.

A população de Lourenço Marques, mesmo flutuante, mostrava desejos de fixar-se. Alguns dos colonos que para lá foram, à roda dos princípios de 1900, gostaram da terra e nela se deixaram ficar para sempre, criando família e uma mentalidade que hoje se manifesta exuberantemente no seu portu-guesismo e na maneira de encarar os benefícios dos hábitos levados pelos estrangeiros. Quer dizer: a cidade renovou-se, aceitou as vantagens da civilização nórdica sem perder as suas mais belas características de amor aos seus maiores e de orgulho pelas suas qualidades colonizadoras — tão diferente de todos os outros povos que se fixaram no continente africano.

(Continua)

A vila de Benavente

(Continuação da página anterior)

prejuízos em Lisboa, onde destruiu 200 prédios, matando duas mil pessoas na capital. Começou com a atmosfera incendiada, tendo caído fogo do céu. Estas chuvas que os meteorologistas de hoje explicam, causavam grande terror na antiguidade.

O terramoto de 23/4/1909, que é classificado pelos sismologistas, dos mais importantes deste século, fez das suas em Benavente, Salvaterra de Magos, Samora Correia e Santo Estêvão. Reinava D. Manuel II. Este desventurado monarca, logo que soube do que se havia passado em Benavente, acorreu às povoações asso-

ladas. Em todas elas campearava a desolação. Viam-se os interiores dos lares, através das paredes derruídas das casas, montes de calça, junto dos quais se erguiam altares. Acudiam socorros de toda a parte. Os bombeiros municipais de Lisboa, sob o comando do Conselheiro Emídio Lino da Silva, foram denodados. O Governador Civil, Conselheiro Cabral Metelo, deu as mais rápidas providências; chorava-se ante os destroços; receava-se a repetição do fenómeno sísmico; redobrava a fé. Por entre alas do povo espavorido, passava o moço soberano, de face pálida, animando-o com palavras de reconforto e pedindo:

«Deixem-me ver... Não me irei embora sem me despedir de todos! As mulheres ajoelhavam agradecidas; ele mandava-as erguer e nem consentia que lhe beijassem a mão.»

O terramoto destruiu centenas de casas e fez 30 vítimas apenas, pelo facto de muita gente andar em trabalho pelos campos. Outros, porém, dizem que morreram 20 pessoas em Benavente, duas em Salvaterra e quinze em Samora e esta povoação quase destruída.

José Manuel Landeiro

No próximo número:

Procissão dos Terceiros, em Benavente

Crónica da Capital

(Continuação da 1.ª página)

Muito, conversa-se ainda mais, trata-se de assuntos da vida alheia mas... ler, isso não!... Mas quando é ocasião de apreciar, de discutir, todos querem ser sabedores e darem a sua opinião.

Infelizmente há muita pobreza de espírito. Há muitos cerebros que precisam de luz.

Uma sugestão à Carris — *Uma excelente medida a adoptar seria a da numeração dos postes que existem ao longo das linhas dos «eléctricos». Excelente e prático. Com a velocidade, às vezes, dos «eléctricos», dificilmente se pode vêr a numeração das casas principalmente em artérias longas. Não são raros os factos de ir uma pessoa à procura de uma determinada casa e ver-se obrigada a saltar duas ou três paragens adiante daquela em que devia sair e assim perder tempo e passadas.*

Se os postes fossem numerados, a coisa seria mais fácil, pois bastaria a indicação dos números do poste para se saber onde se devia sair e onde ficava o local procurado. Indicava-se o número da casa e designava-se o do poste que lhe ficasse mais perto. Era uma medida justa, já não falando no pouco trabalho que acarretaria. Aqui fica esta idêia a bem do interesse público.

Rollin de Macedo

MONTIJO e a Feira do Ribatejo

(Continuação da 1.ª página)

tando-se em escaparates apropriados as mais variadas especialidades. Admirávamos já os gráficos indicativos do nível de produção das indústrias representadas. Olhávamos desvanecidos a personalidade do nosso rural junto a sacas de batata da região; vinhos para prova há dos melhores por aqui — cereais, etc. Anotávamos também os inúmeros objectos de cerâmica que se fabricam em Montijo além de muitos outros artigos, numa mistura alacre e garrida.

Lá estava ainda um quadro magnífico com as actividades das nossas instituições culturais, musicais, desportivas e beneméritas a atestar aos olhos dos visitantes a vida, a força e a extraordinária vitalidade dum terra que caminha a passos largos para um futuro brilhante.

Pensávamos assim e aguardávamos que algo chegasse ao nosso conhecimento que nos convencesse dum representação condigna, mas o tempo vai-se passando e à medida que se aproxima a data aprazada para o grande acontecimento na vida ribatejana, começa a dúvida a penetrar no nosso espírito e a anunciar-nos que, contrariamente ao que suponhamos, nada existirá na Feira do Ribatejo a indicar que Montijo é, sem dúvida, uma das terras mais progressivas

desta Província. Faz pena se assim acontecer, pois matéria prima e capacidade realizadora não faltam para levar por diante uma ideia que viria aumentar dum maneira grandiosa o prestígio de Montijo e, consequentemente, dos seus edis.

Contudo, não desanimamos e confiamos deliberadamente naqueles que dirigem actualmente os destinos desta terra e esperamos que, por intermédio dos pelouros respectivos, Montijo marque a sua presença em Santarém no mês de Maio que se aproxima.

Joaquim Silva

José Teodósio da Silva

(Herdeira)

Fábrica fundada em 1900 (em edifício próprio)

Fábrica de Gasosas, Refrigerantes, Soda Water, Licores, Xaropes, Junipero, Cremes de todas as qualidades, etc.

Fabricos pelos sistemas mais modernos
6-Rua Formosa, 8-Telef. 026 294
Montijo

Amândio José Carapinha

AFONSOEIRO - MONTIJO

O feliz cauteleiro informa os seus Ex.ªs Clientes dos prémios grandes que já vendeu:

1347-10.000 contos-Lotaria Natal 1952
3206- 500 » -22-4-1947

7084- 500 » -3.º prém. Natal 47
992- aproximação-1.º prém. Natal 47

Faça as suas compras neste cauteleiro e terá muito dinheiro...

Vem a Montijo ?

Procure o

Café Restaurante Barral

Rua da Barrosa // Telef. 026 202

Boas refeições aos melhores preços só no BARRAL

José Cipriano Sancho

SERRALHARIA
MECANICA
E CIVIL

Trabalhos de soldadura a electrogénio e oxi-acetilénico com a máxima perfeição

Rua Manuel Gomes Nepomuceno, 9-B
MONTIJO

Representações Repal, L.ª da

**Papelaria
Tabacaria**

DEPOSITÁRIOS DE
Revistas Nacionais e Estrangeiras

**Livraria
Perfumaria**

IIIIII
FÁBRICA DE CARIMBOS

Os mais lindos objectos de utilidades para BRINDES

A Gerência tem a honra de convidar o Ex.º Público desta mui laboriosa Vila de Montijo, a assistir à inauguração do seu estabelecimento, no próximo sábado dia 30 do corrente, pelas 18 horas. Esta inauguração será simbolizada pela distribuição de artigos escolares a 100 crianças pobres.

22 - P. Gomes Freire de Andrade - 22

MONTIJO

Telefone 026 378

COMARCA DE MONTIJO

Anúncio

(1.ª publicação)

Pelo Juízo de Direito da comarca de Montijo e 1.ª Secção, se faz saber que se acha designado o dia 24 de Maio, próximo, pelas 10 horas, para a arrematação em hasta pública, dos móveis e imóveis, penhorados nos autos de Execução Fiscal Administrativa que o Ministério Público move contra os executados *António da Costa Cruz* e mulher *Ana dos Anjos Seabra*, residentes em Alcochete, desta comarca, para deles haver a quantia de 614.521\$60, nos citados autos.

BENS A ARREMATAR

Um prédio urbano, composto no rés-do-chão, com três compartimentos, sito na Rua de Cascaes, da Vila de Alcochete, inscrito na respectiva matriz, sob o art.º 307, e que vai à praça pelo valor de 7.200\$00.

N.º 2 (dois)

Um prédio urbano, composto de rés-do-chão e 1.º andar, no sítio dos Estaleiros, de Alcochete, inscrito na matriz predial urbana, sob o artigo n.º 1.292, e que vai à praça pelo valor de 46.656\$00.

N.º 3 (três)

Um prédio urbano, sito nos Estaleiros, ou Praia de Alcochete, constituído por um pátio descoberto e murado, inscrito na respectiva matriz sob o art.º 714 e que vai à praça pelo valor de 1.560\$00.

N.º 4 (quatro)

Um prédio urbano, com 3 divisões, destinadas a habitação, sito em Monte Novo, freguesia e concelho de Alcochete, inscrito na respectiva matriz sob o art.º n.º 1.188, e que vai à praça pelo valor de 31.104\$00.

N.º 5 (cinco)

Um prédio urbano, com 3 divisões, destinadas a habitação, sito em Monte Novo, de Alcochete, inscrito na respectiva matriz sob o art.º n.º 645, e que vai à praça pelo valor de 6.912\$00.

N.º 6 (seis)

Um prédio urbano, composto de rés-do-chão e 1.º andar, com seis compartimentos, sito na Rua Espírito Santo, da Vila de Alcochete, inscrito na respectiva matriz sob o art.º n.º 256 e que vai à praça pelo valor de 20.448\$00.

N.º 7 (sete)

Um prédio urbano, composto de rés-do-chão e 1.º andar,

com seis compartimentos, sito no Largo Coronel Ramos da Costa, de Alcochete, inscrito na respectiva matriz sob o art.º n.º 578 e que vai à praça pelo valor de 14.400\$00.

N.º 8 (oito)

Um prédio urbano, composto de rés-do-chão e 1.º andar, com 8 divisões, sito na Rua do Século, da Vila de Alcochete, inscrito na respectiva matriz sob o art.º n.º 438, e que vai à praça pelo valor de 25.920\$00.

N.º 9 (nove)

Terra de sementeira, com dezoito oliveiras, uma figueira e três damasqueiros, sita na Bracelira, freguesia de Alcochete, inscrito na respectiva matriz sob o art.º n.º 741 e que vai à praça pelo valor de 8.232\$00.

N.º 10 (dez)

Terra de sementeira, com vinha, uma pereira e um damasqueiro, sito no Canto do Pinheiro, freguesia e concelho de Alcochete e inscrito na respectiva matriz sob o art.º n.º 679, e que vai à praça pelo valor de 2.040\$00.

N.º 11 (onze)

Terra de sementeira com vinha, trinta oliveiras, quatro figueiras e dois damasqueiros, sito no Canto do Pinheiro, de Alcochete, e inscrito na respectiva matriz sob o art.º 676, e que vai à praça pelo valor de 6.456\$00.

A SISA FICA POR INTEIRO A CARGO DO ARREMATANTE

MÓVEIS

N.º 1 (um)

Duas balanças decimais usadas.

N.º 2 (dois)

Duas mesas secretárias, em mau estado.

N.º 3 (três)

Uma tulha em madeira, género armário com gavetas.

N.º 4 (quatro)

Dois macacos em ferro, para içar embarcações.

N.º 5 (cinco)

Seis cadernais em madeira e ferro.

N.º 6 (seis)

Uma caldeira em ferro, para derreter breu.

N.º 7 (sete)

Um tole de madeira, proveniente de embarcações desmanchadas.

N.º 8 (oito)

Uma baleira em estado de nova e não acabada.

N.º 9 (nove)

Duas cartolas muito usadas, cada uma com a capacidade aproximada de 250 litros, cada.

N.º 10 (dez)

Um barril usado a alcatrão com a capacidade de 100 litros.

N.º 11 (onze)

Uma banheira de folhas bastante usada.

N.º 12 (doze)

Um lote de madeira (costaneiros).

N.º 13 (treze)

Um lote de madeira (costaneiros).

N.º 14 (catorze)

Um lote de tijolo de barro, cosido, aplicável a construção.

N.º 15 (quinze)

Vária madeira usada, de diferentes dimensões e aplicações, espalhada nos prédios, onde todos os móveis penhorados, se encontram.

N.º 16 (dezasseis)

Um barco para transporte de mercadorias n.º B-1297 F. L. de 18 toneladas.

Montijo, 22 de Abril de 1955.

O Chefe da 1.ª Secção,

a) *António Paracana*

Verifiquei a exactidão:

b) Juiz de Direito

a) *José Maria Pereira de Oliveira*

Anúncio

(1.ª publicação)

Faz-se público que pelo Juízo de Direito desta comarca de Montijo e 1.ª secção, nos autos de execução sumária que *Maria do Rosário & Filhos*, proprietários, de Palhais, concelho do Barreiro, desta comarca, move contra o executado *António da Costa Murilhas*, proprietário, residente na vila da Moita, correm éditos de vinte dias a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado para no prazo de dez dias, findo o dos éditos, deduzirem os seus direitos na mesma execução.

Montijo, 22 de Abril de 1955.

Verifiquei:

O Chefe da 1.ª Secção,

António Paracana

O Juiz de Direito,

*José Maria Pereira d'Oliveira*CONCURSO
O Campeão de «A Província»

Classificação na 7.ª etapa

1.º — D. Maria da Conceição dos Santos	— Montijo	— 99 pontos
2.º — Manuel Militão de Carvalho	— »	— 33 »
3.º — António Lucas Catita	— »	— 28 »
4.º — Afonso da Silva Campante	— Tramagal	— 20 »
5.º — Eduardo Santos Baeta	— Montijo	— 19 »
6.º — Eugénio Vieira Branco	— »	— 11 »
7.º — Alvaro Serra	— Montijo	— 8 »
8.º — António Sampaio Martinho	— Canha	— 8 »
9.º — Francisco Piedade Martins	— Montijo	— 5 »
10.º — António Luis Lopes Feijão	— »	— 4 »

Mais uma etapa.

O interesse pelo Concurso e a dedicação pel' «A PROVINCIA» andam a par no coração dos nossos leitores.

Bem hajam todos aqueles que sabem perdoar as dificuldades do nosso jornal, bem hajam aqueles que reconhecem o esforço dos responsáveis por uma «carolice» que ultrapassou as mais optimistas expectativas. Bem hajam todos aqueles que sabem avaliar as verdadeiras intenções de quem pretende ser útil, de quem pretende servir o melhor possível. Bem hajam todos aqueles que fazem orelhas moucas aos boatos que apenas visam denegrir e rebaixar uma causa que afinal não quer inimigos.

E' necessário serenidade para não nos deixar-mos acorrentar pela enganosa fluência de um «orador de café». E' preciso tacto para que não vejamos certos reflexos pelo prisma deturpado dum experimentador ignorante. E' preciso indulgência para com aqueles que querem trabalhar e até para aqueles que não podem ver trabalhar.

João Luís de Oliveira

Encarrega-se de todos os trabalhos de pedreiro e limpeza de prédios.

Trata na Rua Joaquim d'Almeida, n.º 59 — MONTIJO

Condições gerais do concurso

- 1.º — Todos os leitores ou leitoras podem concorrer.
- 2.º — O concurso terá a duração de seis meses, com início na data do primeiro número do nosso jornal.
- 3.º — O concorrente que durante o prazo do concurso consiga obter o maior número de assinantes será proclamado *O Campeão de «A PROVINCIA»*.
- 4.º — Em todos os números do nosso jornal e até fim do concurso, será indicada a classificação semanal dos primeiros dez concorrentes.
- 5.º — Ao concorrente proclamado *Campeão de «A PROVINCIA»* será entregue a quantia de MIL ESCUDOS.
- 6.º — Serão ainda contemplados com prémios que oportunamente iremos anunciando todos os concorrentes classificados até ao 10.º lugar.

Aviso importante: Os prémios só serão entregues, depois de os assinantes propostos efectuarem o pagamento das assinaturas do nosso jornal.

Mande hoje mesmo a sua primeira lista

Folhetim de «A Província»

N.º 7

O segredo do espelho

por

Augustus Muir

— Que motivos terá então «Mister» Paul para proceder assim?

— Ele não, os disse?...

— Não, a unica justificação que apresentou, foi a de que as suas relações com o meu avô, eram muito íntimas...

E a jovem «Miss» Paradene, já alguma vez veio aqui?

— Não «Mister»!... Nem mesmo conheço o nome.

— Há ainda outra coisa que desejo perguntar, Dunstan — disse eu depois de uma pausa — é um assunto um pouco desagradável. Trata-se de meu avô...

— Eu nada tenho a dizer

acerca do meu falecido patrão.

— Compreendo. Mas vou-vos falar francamente, e penso que me ides responder da mesma maneira. Estou preocupado, Dunstan... Porque é que meu avô nunca saiu desta casa, durante doze meses que aqui permaneceu? Dunstan, você nunca pensou que «Mister» Swinburn, tivesse medo de qualquer coisa ou de alguém?...

Dunstan hesitou.

— Para dizer a verdade algumas vezes pensei nisso. E minha mulher é que me fez notar esse facto.

Fiquei um momento

absorto nas minhas reflexões. Depois fiz derivar a conversa pouco a pouco para a questão financeira.

Como me disse o meu advogado o resto da fortuna de meu avô, tinha-se evolido depois de poucos anos.

Mas eu encontrara um livro de cheques e uma caderneta, na gaveta da secretária, e por ela vi que existia uma razoável fortuna no Banco de Blaivaron, e que todos os meses somas consideráveis eram depositadas em seu nome. Este dinheiro ia-o ele gastando da maneira mais estravagante: objectos de ouro, velhos livros raros, antiguidades para a sua colecção, vinhos preciosos para a frascueira e assim sucessivamente.

— Tendes alguma ideia sobre a fonte donde podia vir todo este dinheiro, Dunstan?

— O patrão nunca me deu a conhecer nada que dissesse respeito aos seus

negócios particulares — respondeu-me ele com a serenidade do costume, e continuou:

— Mas, «Mister» Roger German pode ser que saiba alguma coisa, mora aqui perto. Da janela vê-se a sua casa. Chama-se «Falcon Lodge». Era um grande amigo do patrão.

— Está agora em casa?

— Oh! Não «Mister» Irvine. Só costuma aqui residir algumas semanas, sobretudo no verão.

— Bem, teremos que ver isso depois. A propósito — continuei eu — suponho que Dunstan e sua mulher continuarão aqui até que eu decida que farei de «Falcon Castle»?

As minhas ocupações retêm-me em Londres e Belfast, além de que esta moradia não pode servir para um celibatário de vinte sete anos...

— Compreendo perfeitamente «Mister» Alan Irvine, e espero que me desculpe,

mas gostaria de poder retirar-me no fim deste mês.

— Porquê? — perguntei surpreendido — O trabalho é bastante fácil e o ordenado ser-lhes-á pago pontualmente...

Dunstan passou a língua pelos lábios e respondeu:

— Para dizer a verdade «Mister» Irvine, nós gostamos muito de «Falcon Castle». Mas de há uns tempos para cá, têm acontecido coisas bem extraordinárias.

— Vejamos Dunstan, que quer dizer?

— E' difícil de explicar — balbuciu o criado — já há muito tempo que teríamos abandonado o serviço se o patrão não nos tivesse começado a pagar mais.

Dunstan soltou um profundo suspiro e pareceu-me que as faces se tornavam mais amarelas.

(Continua)

A história da máquina de costura

A máquina de costuras é uma invenção que está em quase todas as casas, quer nas mãos das mulheres, quer nas fábricas, permitindo a produção de mil artigos por todos usados.

E a propósito de inventos e inventores, recortamos estas palavras acertadas de Lamartine: «O inventor é um benfeitor à distância, e um inimigo de perto. Os que enriquecem o género humano com mais uma força, com a invenção de um engenho, duplicam sem dúvida o poder das artes, das indústrias, dos officios, multiplicam o trabalho, a produção, o consumo, a riqueza e a população, e merecem o bem da Humanidade. Mas na ocasião em que tornam público o seu engenho, deserdam, sem o querer, as mãos humanas empregadas no officio que entregam a rodagens inanimadas. São os grandes revolucionários da matéria...».

Citam-se dois nomes, como sendo os primeiros inventores da máquina de costura: Elias Howe e Barthélemy Thimonnier.

Elias Howe nasceu em Spencer (Massachusetts), nos Estados Unidos, em 1819. Em princípios de 1835 tinha conseguido montar a primeira máquina de costura que cosia, satisfatoriamente, os tecidos. Mas, como sucede a todos os inventores que têm de tomar contacto com a teimosia a rotina e consequentes desilusões, foi mal sucedido. Só sua mulher, seu pai e um dos seus amigos acreditavam verdadeiramente no seu invento. Mas até esse amigo, cansado de dispendir dinheiro inutilmente, se afastou e desinteressou da máquina do pobre Howe.

Entretanto, o obscuro mecânico ia-lhe introduzindo vários aperfeiçoamentos. Seu pai, que era o seu mais fervoroso admirador, resolveu partir para Inglaterra, à custa de todos os sacrificios, levando o precioso invento. E depois de porfiados esforços conseguiu vender a primeira máquina a um fabricante por 250 libras. Mas sucede que os alfaiates que o tinham repellido, empregavam a sua máquina sem autorização do inventor.

Howe quase desanimou mas appareceu um novo amigo que acreditava de tal modo na excelência da invenção que arrisca a sua fortuna e é então montada uma pequena officina em Nova Iorque. Em 1854 a máquina espalha-se por todo o Mundo e torna-se a inseparável companheira de centenas de mulheres. O inventor conhece, finalmente, o triunfo e a riqueza. Em

1862, depois de haver fabricado cinquenta mil máquinas, fundou em Bridgeport, no Estado de Connecticut, a Howe Machinery Company.

No mesmo ano foi premiado na Exposição de Londres e em 1867, na Exposição de Paris, é consagrado o seu invento e Elias Howe condecorado com a Legião de Honra.

E em 3 de Outubro de 1867, ao cabo de tantas lutas, lutas coroadas de triunfo, o inventor morreu, milionário, tendo apenas 48 anos.

Agora vamos occupar-nos do outro inventor: Barthélemy Thimonnier, nascera em Arbresle, no Rodano, em 1793. Foi no começo de 1829 que ele conseguiu combinar os elementos de um aparelho de madeira, onde figuravam já os órgãos essenciais que vieram a servir de tipo a todas as máquinas de costura modernas. E a patente da invenção, pedida em 17 de Maio de 1830, foi-lhe concedida em 17 de Julho do mesmo ano. Mas o inventor foi injuriado e ameaçado.

Depois de várias contrariedades, em 1845, encontra um sócio que lhe dá os meios de construir não uma máquina de madeira mas de cobre. E em Fevereiro de 1848, Thimonnier encontra-se em Londres, onde, experimenta a máquina no Instituto Real, para obter a patente inglesa. Mas o infórtunio perseguia-o; chega tarde demais para instalar o seu modelo e, pior ainda, os seus concorrentes — entre os quais se diz estar Elias Howe — copiaram-lhe os principais órgãos do invento.

Tendo apenas obtido uma medalha numa exposição de 1855, Barthélemy Thimonnier morre na miséria em Amplepulis, em 5 de Agosto de 1857.

E, finalmente, Isaac Singer, considerado o continuador de Elias Howe, pois desenvolveu e aperfeiçoou a industria da sua máquina de costura, e tornou-a acessível mesmo ás mais pobres costureiras, facilitando o pagamento em prestações e o aluguer, com direito de adquirir a máquina.

Singer lutou, também, com graves dificuldades no começo da

sua vida industrial mas, assim como Howe, conseguiu vencer.

Foi em 1851 que o jovem Isaac Singer, em Boston, nos Estados Unidos, depois de traçar uns desenhos num papel de embrulho, annunciou que poderia construir uma máquina de costura, dando inúmeros pontos seguidos. Ninguem o acreditou pois durante muitos anos, homens mais instruidos em questões mecánicas não haviam logrado tal. Não se podia supôr que aquele jovem, que havia fracassado como actor, como lavrador e como operário mecânico, havia inventado uma máquina que coseria continuamente.

Mas, igualmente, Singer teve uma boa luta. Os homens que haviam pretendido, em vão, construir máquinas de costura e cujas ideias ele havia utilizado parcialmente, chamaram a si parte dos lucros. Singer, como Marconi, havia sabido combinar ideias alheias com outras próprias, absolutamente originais. Porém, chegou a um accordo com eles. Assim, por exemplo, durante muitos anos pagou direitos ao que havia patenteado a agulha com um buraco na ponta, uma vez que não era possível uma máquina de costura que não empregasse um agulha desse género.

Depois teve que lutar com as dúvidas do público; muitas mulheres haviam comprado máquinas que se annunciavam como efficientes e logo não funcionavam. Por isso, não queriam ser enganadas outra vez. Mas o jovem Singer andava pessoalmente com a sua máquina, de porta em porta, demonstrando que essa cosia perfeitamente.

Mais tarde, foi para a Inglaterra e instalou em Clydebank a maior fabrica do Mundo, de máquinas de costura; a rede dos seus agentes estende-se por todos os países. E os seus sucessores produzem, agora, quatro mil tipos de máquinas diferentes que cosem desde os couros mais grossos, nas fabricas de calçado, até ás delicadas meias de «nylon». A firma está denominada Singer Sewing Machine Company.



28 - Abril - 1955

Número 1

Dirigida por

Maria José Vasconcelos de Macedo

Os dez mandamentos da mulher «bem»

1.º — A mulher que tem «classe» trata com a mesma gentileza as mulheres de todas as classes, pobres ou ricas, belas ou feias.

2.º — A mulher de classe veste-se bem, mas não demasiado bem. Não segue a moda; cria-a.

3.º — A mulher de classe está preparada culturalmente; ama os livros, a pintura, a música, mas não faz ostentação da sua cultura.

4.º — A mulher de classe é desportiva, sem se tornar louca por um só desporto. Procura no desporto a diversão, a graça, a saúde, e não a vitória espectacular.

5.º — A mulher de classe é uma ótima amiga; não tolera que diante dela se fale mal das suas amigas. E com maior razão, tão pouco falem mal dela.

6.º — A mulher de classe adivinha os sentimentos daqueles a quem ama e esforça-se por evitar-lhes desgostos e amarguras.

7.º — A mulher de classe tem o firme propósito de ser fiel no amor. Se não pode resistir a um novo amor, rompe decididamente com o outro; não engana.

8.º — A mulher de classe occupa-se da sua casa, dos seus filhos, da sua beleza, do seu trabalho, sem lamentar-se que tem demasiado.

9.º — A mulher de classe não mente nunca. Cala às vezes, para não ser de uma franqueza demasiado rude. Mas diz o que pensa.

10.º — A mulher de classe não sabe que tem classe, mas todas as outras pessoas sabem-no. — A. Maurois

O que os homens dizem de nós

Os homens são feitos mais ou menos pelo mesmo padrão; as mulheres, porém, são como as fechaduras «Yale»: não há duas iguais!

///
A mulher principia a ser fascinante justamente um ano depois que deixa de pensar em tal; e continua assim até que começa a sentir inveja das outras mulheres mais novas. Então, já está quase na hora de morrer. Amen!

Ser ou não ser

As mulheres devem e não devem ser assim:

- Devem ser como o sol porque dá vida, e não devem ser porque tem muitas manchas;
- devem parecer-se com a lua que é companheira inseparável da terra, e não devem porque ela faz muitas caras;
- devem ser como os balões, que sobem ao ar, mas não o devem ser porque não se lhes pode por enquanto dar direcção;
- devem ser como o vidro que não encobre nada do que tem dentro, mas não o devem ser porque é muito frágil;
- devem ser como a areia que é subtil e muito fina, mas não o devem ser porque não pode servir de base a edificios duradouros;
- devem parecer-se com o vinho que está cheio de espirito, mas não o devem parecer porque transtorna o juizo da gente!

Aplicações da borra do café

O aproveitamento da borra do café é uma indicação do maior interesse para as donas de casa.

Esse simples residuo é, assim, de valiosa utilidade na economia doméstica, o que convém ter sempre em boa conta.

A borra do café é recomendada para limpar objectos de cristal, para dar brilho aos azulejos da cozinha e da casa de banho, para eliminar manchas dos móveis, do soalho e até dos tapetes.

Experimentem as nossas leitoras e verão quanto é simples, pratico e ao mesmo tempo económico esse processo de limpeza com o aproveitamento da borra do café. A título informativo apresentamos alguns conselhos.

1) Esfregando o soalho com a borra do café e, a seguir repassando-o, como se faz habitualmente, consegue-se o desaparecimento das manchas e considerável melhoria do seu aspecto.

2) Para que ao bater dos tapetes, não se desprendam nuvens de poeira, bastará passar-se-lhes, precisamente, um pouco de borra de café.

3) Os copos, pratos e demais vasos, adquirem uma transparência brilhante com o simples emprêgo desse residuo.

4) Os móveis de madeira conservam por muito tempo o aspecto de novos, quando limpos a miúdo com a borra do café.

5) Os azulejos da casa de banho ou da cozinha ficam limpos e lustrosos quando se lhes passa um pano com a referida borra.



Jaquetão de piqué branco adornado com pespontos

•••••

Conjunto de linhas rectas com costuras vincadas